

POSSIBILIDADES DA INTERVENÇÃO MEDIADA POR PARES COM VIDEOMODELAÇÃO PARA HABILIDADES SOCIAIS DE ESTUDANTES COM TEA NA ESCOLA

RENATA OLIVEIRA CRESPO¹; SÍGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – reecrespo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas– sigliahoher@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A Intervenção Mediada por Pares (IMP) e a videomodelação são duas estratégias já reconhecidas como práticas baseadas em evidências para o desenvolvimento de habilidades sociais em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A sua utilização tem sido difundida no ambiente escolar como ferramenta para que alunos com TEA possam superar déficits na área da comunicação/interação social.

O TEA é um transtorno de neurodesenvolvimento que pode causar déficits em duas áreas: no comportamento e na comunicação/interação social, sendo que o nível de comprometimento em cada área pode variar de pessoa para pessoa (APA, 2014). Estudos mostram que expor a criança com TEA às intervenções precoces, quando a criança tem entre zero e seis anos de idade, causam impacto positivo na redução dos déficits em ambas as áreas (BELLINI; AKULLIAN; HOPF, 2007; WHITEHOUSE et al., 2017; MANOHAR et al., 2019; NAHMIAS et al., 2019).

A intervenção precoce também se mostra adequada para ser implementada na educação infantil, quando o ambiente demonstra ser especialmente propício para as interações sociais e a redução do déficit poderá contribuir para que o aluno com TEA aproveite as oportunidades de interação, diminuindo a possibilidade de isolamento desta criança (CAMARGO; BOSA, 2012).

A educação infantil também tem sido identificada como um ambiente propício para a implementação de IMP's, que se caracterizam por ser uma estratégia na qual pares com desenvolvimento típico são ensinados a atuar como suporte do colega com TEA, para que este possa desenvolver a habilidade que está sendo ensinada. Esta estratégia é apropriada para ambientes inclusivos, como a sala de aula e tem apresentado resultados positivos tanto para os alunos com TEA, como para os pares (PARSONS et al., 2020; ODOM, 2019). A literatura também indica que a utilização de IMP aumenta a possibilidade de alunos com TEA generalizarem os ganhos da intervenção, utilizando as habilidades em outros ambientes e situações (WATKINS et al., 2015).

Assim como as IMP's, a videomodelação tem apresentado ótimos resultados e desde os anos de 1960 esta estratégia tem sido utilizada para o desenvolvimento de habilidades sociais de crianças da educação infantil (GREEN et al., 2017). Na videomodelação o aluno vai assistir a um vídeo com a habilidade a ser desenvolvida, na sequência, ele irá praticar essa habilidade. A utilização de videomodelação tem apresentado bons resultados com alunos com TEA e uma das possíveis explicações é o fato que de durante a visualização do vídeo, o foco do aluno está somente na habilidade a ser adquirida, enquanto na modelação ao vivo, poderia haver uma sobrecarga de estímulos (BARNETT, 2018).

Considerando os ganhos reportados tanto pela IMP quanto pela videomodelação como estratégias para o desenvolvimento de habilidades sociais



de crianças com TEA, foi realizada uma revisão de literatura para identificar como estas estratégias têm sido implementadas em conjunto no contexto educacional inclusivo dos diversos países.

2. METODOLOGIA

Para identificar como tem sido implementada a videomodelação junto com a IMP para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças com TEA, foi realizada uma revisão da literatura disponível tanto no Brasil, como no exterior. Foram utilizadas o Google Acadêmico e o periódico CAPES com as seguintes palavras-chave: peer mediated intervention, video modeling e autism.

Para a seleção dos artigos não foi atribuído nenhum limite cronológico, porém o estudo deveria cumprir os seguintes critérios: ter como público-alvo crianças com TEA que frequentam a rede regular de ensino; a intervenção deve ter sido implementada na escola e; o foco do estudo deve ser o ensino de habilidades sociocomunicativas para crianças com TEA. No total, oito pesquisas se adequaram aos critérios propostos, sendo que seis são internacionais e as outras duas são brasileiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão de literatura apresentou grande variação na maneira como as intervenções foram aplicadas. Os estudos variaram no número de participantes-alvo, entre dois (BASTOS et al., 2018) e oito alunos (CARDON; WANGSGARD; DOBSON, 2019), bem como na estratégia de visualização do vídeo: foi identificado uma pesquisa na qual apenas a criança com TEA assistiu ao vídeo (OGILVIE; DIEKER, 2010); quatro investigações nas quais os alunos-alvo e seus pares assistiram os vídeos (CARDON; WANGSGARD; DOBSON, 2019; DUEÑAS; PLAVNICK; BAK, 2019; MACFARLAND; FISHER, 2019; DUEÑAS et al., 2022); além de três artigos nos quais apenas os pares assistiram aos vídeos (DUEÑAS; D'AGOSTINO; PLAVNICK, 2021; BASTOS et al., 2018; CARVALHO et al., 2016).

O tamanho do impacto e as habilidades avaliadas variaram entre os estudos, bem como a idade dos participantes e a quantidade de pares envolvidos com a criança-alvo. Apesar das diferenças, todos os artigos reportaram ganhos significativos para as crianças-alvo após a implementação, em conjunto, das estratégias de videomodelação e intervenção mediada por pares.

Ao observar os resultados obtidos nas pesquisas, observa-se que quando o aluno com TEA tem acesso ao vídeo, o número de atos de iniciativa do aluno-alvo aumenta, no entanto, estudos como Bastos et al. (2018), no qual apenas os pares tiveram acesso ao vídeo, serviram para aumentar o número de atos comunicativos de resposta da criança com TEA, mas não foram suficientes para que esta mesma criança tivesse um aumento no número de atos de iniciativa própria.

Carvalho et al. (2016) demonstraram resultados positivos no número de interações, no entanto, ao longo de cada sessão de coleta de dados, observou-se que os ganhos apresentados nos primeiros minutos não se mantinham ao longo da sessão e, uma hipótese apresentada pelos autores, indica que os alunos com TEA ainda não tinham consolidado estas habilidades e, por isso, não respondiam aos estímulos dos pares. Dessa forma, os pares também deixavam de procurar os alunos-alvo.

Estes dois são os artigos de pesquisa feitas no Brasil e demonstram que é possível implementar ambas as estratégias de diferentes maneiras e, inclusive, os

resultados reportados em ambos os estudos deixam a possibilidade de investigar os resultados da apresentação do vídeo também para a criança com TEA, algo que já apresentou resultados positivos em outros contextos.

4. CONCLUSÕES

Observa-se que ambas as intervenções têm apresentado resultados satisfatórios de maneira recorrente quando aplicadas em conjunto, entretanto, especialmente no contexto escolar brasileiro, apenas duas pesquisas foram conduzidas desta forma. Ainda que seus resultados tenham sido positivos, é possível identificar outras formas de utilizar tais estratégias, de forma que os ganhos com os alunos-alvo sejam ainda mais significativos e impactantes. Ressalta-se, no entanto, que os resultados obtidos foram promissores e são necessárias mais investigações e divulgação dos resultados, para que estas estratégias se popularizem nas práticas adotadas pelos professores em sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 5^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BELLINI, S.; AKULLIAN, J.; HOPF, A. Increasing Social Engagement in Young Children with Autism Spectrum Disorders Using Video Self-Modeling. **School Psychology Review**, v. 36, n. 1, p. 80-90, 2007.

BARNETT, J. H. Three Evidence-Based Strategies that Support Social Skills and Play Among Young Children with Autism Spectrum Disorders. **Early Childhood Education Journal**, v. 46, p. 665–672, 2018.

BASTOS, J. G.; GONÇALVES, P. B.; SOUSA, K. E.; OKADA, A. R. S.; NOGUEIRA, A. O. F.; CASTRO, T. R.; OLIVEIRA, G. A. M.; ROCCA, J. Z.; FREITAS, L. A. B. Modelação em vídeo e intervenção mediada por pares para promover interações sociais de alunos com Transtorno do Espectro Autista. **ACTA Comportamentalia**, v. 26, n. 2 p. 249-266, 2018.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 315-324, 2012.

CARDON, T.; WANGSGARD, N.; DOBSON, N. Video Modeling Using Classroom Peers as Models to Increase Social Communication Skills in Children with ASD in an Integrated Preschool. **Education and Treatment**, v. 42, n. 4, p. 515 – 536, 2019.

CARVALHO, G. B. M.; GEREMIA, I.; OSOWSKI, V. S.; FREITAS, L. A. B.; ROCCA, J. Z. Intervenção Mediada por Pares como Estratégia de Inclusão de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Corixo - Revista de Extensão Universitária**, n. 5, p. 88-99, 2016.

DUEÑAS, A. D.; D'AGOSTINO, S. R.; PLAVNICK, J. B. Teaching Young Children to Make Bids to Play to Peers with Autism Spectrum Disorder. **Focus on Autism and Other Developmental Disabilities**, p. 1-12, 2021.

DUEÑAS, A. D.; PLAVNICK, J. B.; BAK, M. Y. S. Effects of Joint Video Modeling on Unscripted Play Behavior of Children with Autism Spectrum Disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorder**, v. 49, p. 236-247, 2019.

DUEÑAS, A. D.; WOOD, C.; MAHER, C. E; SANCHULA, G. Component Analysis of a Peer Training Program for Teaching Social Responsiveness to Neurotypical Preschoolers. **Educ. Treat. Child**, v. 45. p. 383–387, 2022.

GREEN, V. A.; PRIOR, T.; SMART, E.; BOELEMA, T.; DRYSDALE, H.; HARCOURT, S.; ROCHE, L.; WADDINGTON, H. The Use of Individualized Video Modeling to Enhance Positive Peer Interactions in Three Preschool Children. **Education and Treatment of Children**, v. 40, n. 30, p. 353-378, 2017.

MANOHAR, H.; KANDASAMY, P.; CHANDRASEKARAN, V.; RAJKUMAR, R. Early diagnosis and intervention for autism spectrum disorder: Need for pediatrician-child psychiatrist liaison. **Indian Journal of Psychological Medicine**, v. 41, n.1, 2019.

NAHMIAS, A. S.; PELLECCHIA, M.; STAHLER, A. C.; MANDELL, D. S. Effectiveness of community-based early intervention for children with autism spectrum disorder: a meta-analysis. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 60, n. 11, p. 1200–1209, 2019.

ODOM, S. L. Peer-Based Interventions for Children and Youth with Autism Spectrum Disorder: History and Effects. **School Psychology Review**, v. 48, n. 2, p. 170-176, 2019.

OGILVIE, C. R.; DIEKER, L. A. Video Modelling and Peer-Mediated Instruction of Social Skills for Students with Autism Spectrum Disorders. **Journal on Developmental Disabilities**, v.16, n. 3, 2010.

PARSONSA, L.; CORDIERA, R.; NATALIE MUNRO, N.; JOOSTEN, A. Peer's pragmatic language outcomes following a peer-mediated intervention for children with autism: A randomized controlled trial. **Research in Developmental Disabilities**, v.99, 2020.

WATKINS, L.; O'REILLY, M.; KUHN, M.; GEVARTER, C.; LANCIIONI, G. E.; SIGAFOOS, J.; LANG, R. A Review of Peer-Mediated Social Interaction Interventions for Students with Autism in Inclusive Settings. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, p. 1070–1083, 2015.

WHITEHOUSE, A. J. O.; GRANICH, J.; ALVARES, G.; BUSACCA, M.; COOPER, M. N.; DASS, A.; DUONG, T.; HARPER,R.; MARSHALL, W.; RICHDALE, A.; RODWELL, T.; TREMBATH, D.; VELLANKI, P.; MOORE, D. W.; ANDERSON, A. A randomized controlled trial of an iPad-based application to complement early behavioral intervention in Autism Spectrum Disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.58, n. 9, p1042–1052, 2017.